



“NÃO NOS LIBERTE, NÓS CUIDAMOS DISSO”*: MULHERES MUÇULMANAS ENUNCIAM SUA INTELIGÊNCIA SOCIOPOLÍTICA E DE JUSTIÇA PARA COM O MUNDO

Maria Eduarda Antonino Vieira**

RESUMO

Este artigo tem o intuito de apresentar: (1) o mapeamento das principais organizações, instituições e grupos de mulheres muçulmanas - ou com foco nas muçulmanas - no contexto da França e Inglaterra e (2) descrever sobre como ocorre o debate feminista dentro desses espaços. As mulheres muçulmanas são hoje parte integrante da comunidade europeia, muitas vezes colocadas no centro dos debates políticos, religiosos e de gênero, por conta da sua visibilidade religiosa, mas dificilmente interrogadas sobre essas questões. Assim sendo, foi empregada a Análise de Discurso de linha francesa, a qual percebe o discurso como prática social, para identificar como a coletividade de mulheres muçulmanas existe, resiste e ganha espaço disputando o religioso dentro de suas comunidades de fé, ao mesmo tempo que tensiona o feminismo hegemônico.

Palavras-chaves: Mulheres muçulmanas; feminismo; análise do discurso.

* Essa frase foi retirada do grupo feminista Lallab (na França) que deixa bastante claro em sua página oficial que as muçulmanas não precisam de ajuda, na página oficial a frase segue com o seguinte argumento: “ainda que a luta contra a desigualdade e a discriminação deve ser de todos, as pessoas afetadas pela opressão estão na melhor posição para definir as ferramentas para se defender e sabem qual é a política mais adequada para protegê-los. As mulheres muçulmanas são sujeitos políticos e estabelecem sua própria agenda” (LALLAB, s/d). Disponível em: www.lallab.fr.

** Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Graduada em Relações Internacionais pela Faculdade Damas.



“DON’T RELEASE US, WE TAKE CARE OF THIS”: MUSLIM WOMEN SPEAK THEIR SOCIO-POLITICAL AND JUSTICE INTELLIGENCE TO THE WORLD

ABSTRACT

This article aims to present: (1) the mapping of the main organizations, institutions and groups of Muslim women - or with a focus on Muslim women - in the context of France and England and (2) describe how the feminist debate takes place within these spaces. Muslim women are now an integral part of the European community, often placed at the center of political, religious and gender debates, due to their religious visibility, but hardly questioned on these issues. Thus, Discourse Analysis of the French line was used, which perceives the discourse as a social practice, to identify how the collectivity of Muslim women exists, resists and gains space by disputing the religious within their faith communities, at the same time that tensions hegemonic feminism.

Keywords: Muslim women; feminism; speech analysis.

“NO NOS LIBERES, NOSOTRAS NOS CUIDAMOS”: MUJERES MUSULMANAS HABLAN SU INTLIGENCIA SOCIO POLÍTICA Y DE JUSTICIA AL MUNDO

RESUME

Este artículo tiene como objetivo presentar: (1) el mapeo de las principales organizaciones, instituciones y grupos de mujeres musulmanas - o con un enfoque en las mujeres musulmanas - en el contexto de Francia e Inglaterra y (2) describir cómo se desarrolla el debate feminista dentro de estos espacios. Las mujeres musulmanas son ahora una parte integral de la comunidad europea, a menudo colocadas en el centro de los debates políticos, religiosos y de género, debido a su visibilidad religiosa, pero difícilmente cuestionadas sobre estos temas. Por tanto, se utilizó el Análisis del Discurso de la línea francesa, que percibe el discurso como una práctica social, para identificar cómo la colectividad de mujeres musulmanas existe, resiste y gana espacio disputando a los religiosos dentro de sus comunidades de fe, al mismo tiempo que tensiones feminismo hegemónico.

Palabras clave: Mujeres musulmanas; feminismo; análisis del discurso.



INTRODUÇÃO

As muçulmanas são pouco percebidas, seres *invisíveis*. Quando são observadas, são entendidas como pessoas sem utilidade ou valor para a sociedade, em contraste com as imagens das mulheres ocidentais, que são caracterizadas como educadas, empoderadas e liberais. Tudo isto está fortemente amarrado à dicotomia *nós versus elas*, que estabelece papéis pré-definidos e reforçam imagens estereotipadas das muçulmanas, resultando, também, na apropriação do seu poder de subjetivação, ação e decisão. Nessa conjuntura, principalmente de silenciamento dessa comunidade por parte da sociedade, existe uma necessidade de se compreender como as mulheres muçulmanas percebem e participam da construção dos seus direitos a partir do que as próprias muçulmanas têm a dizer e como se mobilizam para fazer suas posições e agendas conhecidas. Na análise do seu engajamento cívico e político, é preciso identificar e entender os espaços, plataformas e associações que elas estão desenvolvendo. Quais são seus objetivos? Suas ações? O que pensam sobre movimentos de mulheres e feminismo? Como se relacionam com o feminismo ocidental?

Deve-se admitir que existem ainda vários aspectos da legislação islâmica (*sharī'ah*) que estão afetando seriamente a construção, pelas próprias muçulmanas, dos seus direitos, como, por exemplo, o casamento forçado, o divórcio, a poligamia e a honra familiar (masculina) que vem sendo seriamente discutidos e transformados, mas fazem parte da maioria dos países islâmicos (Arábia Saudita, Emirados Árabes, etc.) em virtude de uma concepção marcada pela diferença entre os papéis, direitos e deveres de homens e mulheres (Azizah AL-HIBRI, 2002). A interpretação patriarcal, socialmente conservadora, em relação a essas questões, é certamente responsável por muitos dos problemas contemporâneos das muçulmanas no universo islâmico e não-islâmico. Apesar das várias tentativas de reformar essas leis, tais problemas – inegáveis em partes do mundo muçulmano – alimentam visões ocidentais estereotipadas. Essas imagens são perpetuadas e reforçadas, fazendo com que as mulheres muçulmanas não sejam vistas como protagonistas das suas vidas, muito menos da arena política.

Além disso, deve-se levar em conta as velhas experiências e concepções coloniais das mulheres muçulmanas (projetadas no final do



século XVIII), responsáveis por nutrir um sentimento de superioridade, retratada na fala, por exemplo, do Lorde Cromer, no Egito, “estou aqui para libertar as mulheres muçulmanas, estou aqui para libertá-las do Islã”, no qual “libertar” significava que as mulheres muçulmanas iriam abdicar da sua religião e adotar um modo de vida ocidental (Rana KABBANI, 1992). Essa missão *libertadora* continua nas sociedades contemporâneas ocidentais, onde percepções das mulheres muçulmanas como não-sujeitos foram retomadas e reforçadas por boa parte do próprio feminismo ocidental secular, sendo o “*colonial feminism*” visto como uma política de governo sobre as mulheres (Leila AHMED, 1992).

Por isso, é importante compreender como as mulheres muçulmanas estão agindo, principalmente, quando existe um senso comum que as coloca num lugar inferior. As muçulmanas na Europa tiveram que identificar os facilitadores e os obstáculos para negociar suas vidas entre o espaço privado familiar e as comunidades no espaço público. Esse espaço público, com o passar do tempo, principalmente depois do 11 de Setembro, não estava mais dando as boas-vindas para elas. As vestimentas islâmicas fizeram das muçulmanas o alvo fácil de grupos racistas, mas também de vários grupos seculares, liberais e feministas, que acreditam que os valores de liberdade, democracia e igualdade de gênero estavam sendo desafiados (Danièle JOLY; Khursheed WADIA, 2017).

Do ponto de vista das fontes utilizadas, este trabalho apoiou-se na Internet (netnografia) como ferramenta-chave para a coleta de dados, abrangendo documentos escritos, fotografias e vídeos produzidos no contexto de um conjunto de espaços e plataformas pesquisadas. Estas incluíram grupos de *advocacy*, conselhos, grupos de apoio, centros islâmicos/mesquitas, grupos de tradições culturais, grupos feministas, grupos de relações públicas, entre outros. A coleta foi feita diretamente em *home pages* oficiais, *Facebook* e *blogs*, entre os anos de 2003 e 2018. Iniciou-se a investigação, primeiramente, mapeando as principais organizações, instituições e grupos na comunidade muçulmana nos dois países selecionados. Posteriormente, começou-se a analisar quais desses grupos eram de mulheres muçulmanas ou desenvolviam projetos voltados para elas. Dessa forma, construiu-se uma amostra de espaços e plataformas de ação das mulheres muçulmanas.



Foi empregada a *Análise de Discurso* de linha francesa, a qual percebe o discurso como prática social. Preocupa-se em ir além do conteúdo, analisando a maneira como é dito, quem está falando e quem está ouvindo. É a forma de pensar o discurso não apenas por palavras, e sim, palavras como ação (Rosalind GILL, 2008). Dessa forma, se busca contribuir para um reconhecimento feminista acerca do que a fé desempenha na vida das mulheres contemporâneas, pois, ao invés de olhar como as instituições religiosas vêm as mulheres, examinaremos o que as mulheres religiosas islâmicas nos dizem sobre direitos religiosos, igualdade de gênero, identidade e feminismo. Neste estudo, privilegia-se as vozes das mulheres religiosas e seus pontos de vista, ao invés de textos e práticas que podem ser consideradas como *autoritárias* ou *ilegítimas* nas representações de suas tradições religiosas.

1 MUÇULMANAS ORGANIZADAS

As muçulmanas se engajaram, se organizaram e romperam os silêncios, assim como suas companheiras não religiosas o fizeram. Mais do que muitos imaginam, elas desempenham um papel social fundamental, desafiando preconceitos e estereótipos tanto de forma micro, dentro de suas próprias comunidades muçulmanas, bem como na sociedade geral, nos mais diferentes países. Elas estão no centro das suas coletividades, empreendendo uma infinidade de papéis e lutando em diferentes frentes, que variam do combate ao extremismo violento, islamofobia e estereótipos de gênero, até o acesso igualitário a locais de culto. Gasta-se muito tempo debatendo sobre a aparência das mulheres muçulmanas – se elas são submissas ou não – e pouca atenção é dada para o que, de fato, elas estão dizendo, fazendo e buscando, ou, até mesmo, como elas estão se organizando.

Os movimentos de mulheres não são novos, não são somente ocidentais e não são sempre feministas. Desde início de 1800, as mulheres têm se organizado como mulheres para enfrentar uma variedade de problemas que refletem a sistemática das desigualdades de classe, status, raça, sexualidade, etc. Os movimentos de mulheres estão entre os mais duradouros e bem-sucedidos de todos os movimentos sociais do período moderno, e são onipresentes nas sociedades contemporâneas.



Mulheres se mobilizam como mulheres em busca de direitos iguais de Fiji à Finlândia, mas também se mobilizam para enfrentar governos autoritários, demandar a paz, chamar atenção sobre o controle de armas e para atender a uma variedade de problemas sociais em suas comunidades (Carol McClurg MUELLER; Myra Marx FERREE, 2004).

Mesmo que não possamos dizer que esses movimentos organizados de mulheres são novos, é visível que essa organização aconteceu, no norte global, de forma mais consolidada, a partir de 1960, com o grande impulso do movimento estudantil antiautoritário (Temma KAPLAN, 1997), de tal forma que uma parte importante dessa mobilização no século XX foi através das Nações Unidas, com seus grupos de mulheres organizados, que promoveram uma série de eventos voltados para a mulher, como por exemplo, a primeira *World Conferences on Women*, organizada em 1975, no México (Valentine MOGHADAM, 2000). Na Inglaterra e na França, contagiadas por essa onda mobilizadora, as muçulmanas começaram a se organizar. Durante os anos de 1970, poucas associações de mulheres muçulmanas existiam, e aquelas existentes praticamente não se engajavam com o Estado e dependiam inteiramente daqueles/as que as fundaram e dos/as voluntários/as para sobreviver. Em 1980, engajaram-se em organizações comunitárias, acomodavam festividades, como também trabalharam para avançar nos direitos das mulheres através de educação cívica e de campanhas sociais. O aumento no número de organizações de pessoas negras e minorias étnicas também gerou oportunidades para a participação cívica e política das muçulmanas (Danièle JOLY; Khursheed WADIA, 2017).

Já em 1983, em Londres, na Inglaterra, a *Foundation for Women's Health Research and Development* (FORWARD) começou seu trabalho como uma organização de mulheres da diáspora africana, com o intuito de combater a Mutilação Genital Feminina (MGF). Para avançar nesse objetivo, desenvolveu relações com as comunidades envolvidas, especialmente as mulheres somalis¹, com organizações muçulmanas, como o *Muslim Council of Britain* (MCB) e com o governo, enfatizando o equívoco na associação da mutilação com a religião, pois, na prática,

¹ A MGF é praticamente universal na Somália, são cerca de 98% das meninas e mulheres que realizam a prática (UNICEF, 2013).



não é um requisito islâmico e, na verdade, antecede o Islã. A organização colocou a comunidade inglesa em alerta para o fato de que a mutilação não é um procedimento que acontece longe das fronteiras nacionais, mas é uma realidade de determinados países (ex.: Somália) que precisa ser combatida diariamente².

Por volta de 1980, em caminho similar, com a ascensão da esquerda francesa ao poder e com a reforma da Lei de Associação de 1901, que permitiu o *status* de associação formal para grupos migrantes, houve um aumento no número de organizações formalmente constituídas por mulheres muçulmanas migrantes. O retorno da esquerda, após um período de vinte três anos, também desencadeou o ativismo dos movimentos sociais progressistas, entre eles o *Mouvement Beur* (composto de jovens francesas descendentes de imigrantes da África do Norte) que travou uma luta política e cultural contra o racismo. Além disso, o novo Ministério dos Direitos das Mulheres reservou, pela primeira vez, um substancial financiamento para organização da comunidade de mulheres, dando origem a inúmeras organizações lideradas por francesas de origem magrebina, como a *Femme Maghrébines en Action* (FMA) em 1981 e *Les Nanas Beurs* em 1985 (Danièle JOLY; Khursheed WADIA, 2017).

No ano de 1994, localizada na região de La Courneuve, na França, começa a atuar a *Ligue Française des Femmes Musulmanes* (LFFM), buscando modificar a deplorável realidade das muçulmanas francesas daquela época, rodeadas por declarações discriminatórias, estigmatização e leis islamofóbicas. Elas surgem na arena política como contendoras com capacidade de mudar sua realidade, de modo que essas injustiças cessem e que as mulheres muçulmanas possam aproveitar seus direitos e liberdades, além de recuperar o seu lugar na sociedade. Os principais objetivos da Liga são: trabalhar para o avanço das mulheres muçulmanas na sociedade; defender os interesses das mulheres e das muçulmanas em geral; participar de debates da sociedade; representar as muçulmanas na França; defender os direitos humanos, as liberdades religiosas e

² As estatísticas da organização relatam que, no Reino Unido, cerca de 137.000 meninas e mulheres estão vivendo com as consequências da Mutilação Genital Feminina e 60.000 meninas menores de 15 anos estão em risco de sofrerem MGF (cf. www.forwarduk.org.uk/key-issues/fgm/).



de consciência; combater o racismo, a islamofobia e todas as formas de discriminação (LIGUE FRANÇAISE DES FEMMES MUSULMANES, s/d)³⁴.

Os fluxos globais de pessoas e ideias desestabilizam as tradições das maiorias e criam espaços de desafios políticos para as comunidades minoritárias que reivindicam seus direitos. Para o Islã, a globalização significou a descentralização de uma tradição religiosa já descentralizada. É pela religião, e através dela, que os migrantes continuavam conectados para além dos locais em que se fixaram. Cada vez mais os migrantes vivem uma vida transnacional e usam a religião como meio para se conectar. A consolidação dessa identidade muçulmana transnacional nos anos 2000 também contribuiu para o surgimento de novas organizações de mulheres e para expansão das já existentes que se identificavam como muçulmanas (Thomas BANCHOFF, 2008).

Outro fator importante para o crescimento de organizações de muçulmanas foi o seguinte questionamento: a qual voz muçulmana se deve prestar atenção? Pois, historicamente, os homens muçulmanos têm sido os principais, se não os únicos, interlocutores das conversas com governos centrais e com comunidades locais. Porém, com os ataques de 11 de Setembro nos Estados Unidos, e de 7 de julho, em Londres, a juventude muçulmana, especialmente as mulheres, por conta da sua visibilidade, foram submetidas a condições de *stop-and-search policies* e a vários dos procedimentos antiterrorismo impostos pelas autoridades. Cansadas dessas situações, as mulheres reforçam os questionamentos sobre a dominação masculina em curso, que sempre ignorou a visão feminina, fazendo surgir mais demandas por recursos para capacitar e melhorar a situação das mulheres muçulmanas (Ayesha Salma KARIAPPER, 2009; Danièle JOLY; Khursheed WADIA, 2017).

Envolto nesse cenário, começou a funcionar em 2001, em Londres, na Inglaterra, o Safra Project (SP), uma organização de mulheres muçulmanas lésbica, bissexual e transgênero, que visa promover a normalidade da diferença sexual no Islã. A palavra Safra está relacionada com

³ Disponível em: www.facebook.com/Lffm.fr

⁴ No fim da pesquisa o site oficial da *Ligue Française des Femmes Musulmanes* (<http://www.lffm.org/>) foi desativado. Entretanto, os documentos produzidos pela organização já haviam sido baixados e analisados. Por isso, não foram retirados da análise.



as expressões “a descoberta” e “a viagem”, em vários idiomas como o árabe, o farsi e o urdu. O projeto não tem por objetivo fornecer soluções ou respostas finais sobre a sexualidade e o Islã. Todavia, buscou apresentar recursos educativos e fomentar grupos de conversas para que as muçulmanas possam trocar suas experiências e informações, criando assim uma rede que minimizasse as discriminações existentes na intersecção de ser mulher, homossexual/bissexual/transgênero e muçulmana. A bússola encontrada em seu logotipo simboliza o objetivo do projeto de ser um recurso e ferramenta para as mulheres muçulmanas LGBT em suas viagens e descobertas na vida⁵.

Em 2003, em Birmingham, na Inglaterra, surge a *Muslim Women’s Network UK (MWNUK)*, que tem o intuito de falar abertamente sobre questões difíceis que envolvem ser mulher muçulmana e garantir que suas preocupações e vozes cheguem aos tomadores de decisão. Um dos primeiros caminhos seguidos pela organização foi perguntar às muçulmanas inglesas sobre suas necessidades. Este exercício de escuta resultou no relatório *She Who Disputes* (2006), que identificou inúmeras barreiras que impedem a participação completa das muçulmanas na sociedade (MWNUK, s/d)⁶. Em 2008, também na Inglaterra, surge a *Inspire*, uma organização de muçulmanas que luta pelos direitos das mulheres e contra o extremismo, e começou seu trabalho diante da falta de preocupação e vontade de muitas organizações representativas muçulmanas (de liderança tipicamente masculina) na abordagem tanto do extremismo como dos direitos das mulheres (WE WILL INSPIRE, s/d)⁷.

Também em 2008 surge, em Londres, na Inglaterra o grupo *Maslaha*, que em árabe significa “para o bem comum”, com inúmeros projetos nas áreas de saúde, educação e artes voltados para as comunidades muçulmanas desfavorecidas. É uma rede de apoio aos muçulmanos enfrentando os dilemas da vida diária (MASLAHA, s/d)⁸. Uma das suas principais iniciativas é o *I can be she*, uma plataforma pioneira que visa

⁵ Por falta de financiamento, a organização fechou as portas em 2013. Entretanto, todos os arquivos como o próprio site da organização estão disponíveis numa plataforma chamada de *arquivo de web*. Disponível em: www.webarchive.org.uk/ukwa/target/136501/source/subject

⁶ Disponível em: www.mwnuk.co.uk/history.php

⁷ Disponível em: www.wewillinspire.com/about-us/our-team/

⁸ Disponível em: www.maslaha.org/about



empoderar as mulheres muçulmanas e mudar a maneira como a sociedade as percebe. Para alcançar esse objetivo o programa busca: aumentar a consciência sobre as desigualdades enfrentadas pelas mulheres muçulmanas; desafiar equívocos populares e preconceitos sobre o que significa ser uma mulher muçulmana; desbloquear o potencial dentro de cada mulher muçulmana; capacitá-las para se tornar o que elas aspiram e empoderá-las para demandar mudanças (I CAN BE SHE, s/d)⁹.

Imediatamente depois, em 2009, em Bradford, na Inglaterra, aparece o *Muslim Women's Council (MWC)*, uma organização liderada por mulheres e voltada às necessidades das mulheres muçulmanas, destinada a estabelecer uma rede de mulheres muçulmanas e desenvolver a confiança necessária para se envolverem em questões que afetam muçulmanos/as no Reino Unido. Em 2015, a associação lançou um projeto para criar a primeira mesquita gerida só por mulheres (MUSLIM WOMEN COUNCIL, s/d)¹⁰. Em 2010, surge também na Inglaterra a associação *Daughters of Eve (DOE)*, que trabalha para promover e proteger os direitos de saúde física, mental, sexual e reprodutiva de jovens de comunidades praticantes da MGF. A organização conscientiza sobre a MGF, fornece apoio e recursos para as mulheres que sofreram com a mutilação e realiza campanhas para eliminá-la. Elas lançaram a petição *Stop FGM in the UK Now*¹¹, que obteve 110.561 assinaturas e conseguiu que o governo se comprometesse a elaborar e implementar um plano nacional de ação estratégico para eliminar a prática no Reino Unido (DAUGHTERS OF EVE, s/d)¹².

Em 2012, na Inglaterra, ainda emergiram, a *Tell MAMA*, um projeto nacional criado pela associação *Faith Matters*, em Londres, que registra e mede incidentes anti-islâmicos. Foi criada para garantir que tais ataques sejam mapeados, medidos e registrados, como também, para fornecer suporte às vítimas. Desenvolveu um portal único, onde a vítima pode através do celular, computador ou telefone (*e-mail*, SMS, *Facebook* ou *Twitter*) conversar sobre as suas preocupações e registrar o incidente que experimentou em razão de sua fé muçulmana (TELL MAMA, s/d)¹³. Os relatórios apontam que o ódio anti-islâmico é claramente pautado

⁹ Disponível em: www.icanbeshe.org/about

¹⁰ Disponível em: www.muslimwomenscouncil.org.uk/about-us/

¹¹ Para saber mais informações, ver: www.petition.parliament.uk/archived/petitions/52740.

¹² Disponível em: www.dofeve.org/about-us.html

¹³ Disponível em: www.tellmamauk.org/about-us/



no gênero. A maioria dos incidentes envolve mulheres muçulmanas, majoritariamente usando vestimentas islâmicas, enfrentando ataques de homens brancos (TELL MAMA, 2015, p.11).

O outro projeto de destaque foi a *Inclusive Mosque Initiative* (IMI). Desde a sua criação, em Londres, na Inglaterra, a organização se espalhou rapidamente pelo Reino Unido e internacionalmente para a Malásia, Caxemira, Paquistão e Suíça. Trabalha com intuito de promover um local de culto para a prática de um Islã inclusivo. Isso significa que os eventos e espaços da IMI estão organizados para serem tão abertos quanto possível para receber quem desejar estar lá. Ao contrário de muitas mesquitas existentes, a IMI não é dividida por diferenças linguísticas, religiosas, políticas, étnicas ou de gênero. A organização faz todos os esforços, inclusive no acesso físico, atendendo a pessoas com deficiência em seus locais, disponibilizando a Linguagem de Sinais Britânica (BSL) em seus cultos e traduzindo as palavras do árabe quando usadas (INCLUSIVE MOSQUE INITIATIVE, s/d)¹⁴. Nos anos 2000, surge em Paris, o *Collectif Féministes pour l'Égalité* (CCIF), devido à insatisfação com as organizações antirracistas tradicionais, que não reconheciam a realidade e os mecanismos da islamofobia e que, principalmente, não conseguiam enxergar que as vítimas são geralmente as mulheres de fé muçulmana vestindo lenços. Essas mulheres, ao longo dos anos, não foram ajudadas. Em paralelo, as declarações islamofóbicas tornaram-se cada vez mais aceitas no espaço político e na mídia francesa (COLLECTIF CONTRE L'ISLAMOPHOBIE EN FRANCE, s/d)¹⁵.

2 MAPEAMENTO DAS PRINCIPAIS ORGANIZAÇÕES

No contexto europeu, com atuações diversas dentro dessas plataformas digitais e diante da impossibilidade de trabalhar a pluralidade das organizações e ação das mulheres muçulmanas, foram escolhidas vinte e cinco associações para ser objeto dessa pesquisa. A tabela abaixo reúne informações das organizações com atuação na França, na Inglaterra e em outros países da Europa que foram selecionadas para análise desse trabalho, trazendo comentários pontuais sobre a mobilização dentro desses espaços.

¹⁴ Disponível em: www.inclusivemosqueinitiative.org/about/

¹⁵ Disponível em: www.islamophobie.net

A tabela vai apresentar cinco seções informativas básicas, divididas de forma similar na maioria dos sites oficiais *on-line*: *nome*; *quem somos*; *rede(s)*; *onde atuamos* e *o que fazemos* (abarcando a forma de ação/trabalho e os principais projetos).

Tabela 1: Espaços e plataformas de atuação de/para mulheres muçulmanas

NOME	SOBRE	REDES	ONDE ATUAMOS?	O QUE FAZEMOS?
1. Rede de Mulheres Muçulmanas (MWNUK)	A associação surgiu em 2003 com o intuito de assessorar governos sobre assuntos relacionados a mulheres muçulmanas. Procura dar voz às mulheres muçulmanas e suas demandas. O grupo é composto por mulheres.	Nacional	Inglaterra	<ul style="list-style-type: none"> - Eventos; - Oficinas; - Capacitação; - FGM Safeguarding Checks nos aeroportos do Reino Unido - “Forced Marriage Awareness Campaign”; - “Muslim Women’s Network Helpline”;
2. Mulheres Muçulmanas no Esporte (MWSF)	A organização surgiu em 2001 com o objetivo primordial de aumentar o envolvimento das mulheres e meninas muçulmanas nos esportes. O grupo é composto por mulheres.	Nacional	Inglaterra	<ul style="list-style-type: none"> - Eventos; - Oficinas e capacitações; - Produção de recursos; - Advocacy; - “Who’s That Girl” (campanha); - “She Inspires Me” (campanha); - “Women’s Islamic Games”;²
3. Maslaha	É uma organização que surgiu em 2008, questionando as condições que criam as desigualdades nas comunidades muçulmanas do Reino Unido. O grupo é composto por homens e mulheres.	Nacional	Inglaterra	<ul style="list-style-type: none"> - Falas em eventos; - Eventos; - Oficinas e capacitação; - Pesquisa; - “I Can Be She”; - “Rêv’Elles: Maslaha in Paris”; - “Islam and feminism”; - “Muslim Girls Fence”; - “Radical Whispers”;³



NOME	SOBRE	REDES	ONDE ATUAMOS?	O QUE FAZEMOS?
4. Conselho de Mulheres Muçulmanas (MWC)	<p>É uma organização que surgiu em 2009 direcionada às necessidades das muçulmanas. Posiciona a mulher muçulmana como uma força efetiva de mudança social. O grupo é composto por mulheres.</p>	<p>Nacional</p>	<p>Inglaterra</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Falas em eventos; - Advocacy; - Produção de recursos; - Campanhas; - Assistência; - Eventos; - “Daughters of Eve”; - “Bradford Circle”; - “Women Led Mosque”;⁴
5. Associação Mulheres de Fátima (FWA)	<p>A associação surgiu em 1991 com objetivo de suprir a falta de instalações disponíveis para mulheres pertencentes a minorias étnicas. O grupo é composto por mulheres.</p>	<p>Local</p>	<p>Inglaterra</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Oficinas e capacitação; - Assistência; - Grupos de ajuda; - Cursos educacionais de costura, inglês, inglês criativo; - Cursos de arte e artesanato;
6. Filhas de Eva (DOE)	<p>A organização surgiu em 2010 pelas ativistas Leyla Hussein, Nimco Ali e Sainab Abdi com objetivo de proteger as meninas e mulheres jovens que estão em risco de mutilação genital feminina (MGF). O grupo é composto por mulheres.</p>	<p>Nacional</p>	<p>Inglaterra</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Falas em eventos; - Eventos; - Oficina e capacitação; - Campanhas;
7. Projeto Safra (SP)	<p>Foi uma organização criado em 2001 para ajudar as muçulmanas LGBT enfrentarem os problemas dessa comunidade. O grupo é composto por mulheres.</p>	<p>Local</p>	<p>Inglaterra</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Produção de recursos; - Pesquisa; - Grupo de apoio online; - Plataforma online: “Sexuality, Gender and Islam”;⁵
8. Iniciativa da Mesquita Inclusiva (IMI)	<p>É uma iniciativa que surgiu em 2012 com o objetivo de estabelecer um local de culto para a promoção e a prática do Islã inclusivo. A iniciativa funciona tanto fisicamente quanto virtualmente. O grupo é composto por mulheres.</p>	<p>Nacional</p>	<p>Inglaterra</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Eventos; - Falas em eventos; - Pesquisa; - Orações inclusivas; - Sermões online; - Grupos de discussão; - “Inclusive Jummah Prayers”;⁶

NOME	SOBRE	REDES	ONDE ATUAMOS?	O QUE FAZEMOS?
9. Tell MAMA	É uma organização que surgiu em 2012 e trabalha para a desconstrução do ódio anti-islâmico. O grupo é composto por homens e mulheres.	Nacional	Inglaterra	<ul style="list-style-type: none"> - Grupo de ajuda; - Produção de recursos; - Pesquisa; - Plataforma de Monitoramento de crimes islamofóbicos;
10. Fundação para a Pesquisa da Saúde da Mulher e Desenvolvimento (FORWARD)	É uma fundação que surgiu em 1983 com o objetivo de promover e salvaguardar a saúde sexual e reprodutiva e direitos das mulheres e meninas africanas. O grupo é composto por mulheres.	Nacional	Inglaterra	<ul style="list-style-type: none"> - Pesquisa; - Produção de recursos; - Advocacy; - “Girls Not Brides UK”; - “Professional FGM Training Courses”; - “Community Programme”;⁷
11. Inspire	É uma organização que surgiu em 2008 e luta contra o extremismo e pelos direitos da mulher. O grupo é composto por mulheres.	Nacional	Inglaterra	<ul style="list-style-type: none"> - Eventos; - Pesquisa; - Produção de recursos; - Advocacy; - Oficinas de capacitação; - Campanhas; - “Tackling Extremism and the Prevent Agenda”; - “#MakingAStand”;⁸
12. Coletivo contra a Islamofobia na França (CCIF)	O coletivo surgiu em 2000 e apoia vítimas de discriminação ou violência racista, por causa de sua associação ao Islã. O grupo é composto por homens e mulheres.	Nacional	França	<ul style="list-style-type: none"> - Produção de recursos; - Campanhas; - Grupo de apoio; - Advocacy; - Eventos; - Pesquisa;
13. Coletivo Feminista para Igualdade (CFPE)	O coletivo surgiu em 2004 e busca rejeitar a ideia de um modelo único de libertação para as mulheres.	Local	França	<ul style="list-style-type: none"> - Produção de recursos; - Campanhas; - Protestos; - Grupos de discussão;



NOME	SOBRE	REDES	ONDE ATUAMOS?	O QUE FAZEMOS?
14. Liga Francesa das Mulheres Muçulmanas (LFFM)	Surgiu em 1994 e é uma liga de mulheres muçulmanas em busca de melhor a situação das muçulmanas na França.	Nacional	França	<ul style="list-style-type: none">- Produção de recursos;- Campanhas;- Protestos;
15. Comissão Islã & Laicité	A Comissão surgiu em 1997 e busca reunir em torno da mesma mesa, independentemente da representação institucional, muçulmanos, cristãos de diferentes denominações, judeus, agnósticos e ateus para discutir livremente o lugar do Islã na França e suas relações com as instituições. O grupo é composto por homens e mulheres.	Nacional	França	<ul style="list-style-type: none">- Grupos de apoio;- Grupos de discussão;- Advocacy;
16. Homossexuais Muçulmanos da França (HM2F)	O grupo surgiu em 2010 e luta contra as discriminações que sofremos muçulmanos tanto por serem muçulmanos como por serem LGBT. O grupo é composto por homens e mulheres.	Local	França	<ul style="list-style-type: none">- Grupo de ajuda;- Eventos;- Falas em eventos;- Produção de recurso;- Pesquisa;- Grupo de trabalho sobre “Mulheres e Feminilidades”
17. Lallab	É uma organização que surgiu em 2006 e luta pela igualdade de gênero e pela possibilidade das mulheres muçulmanas serem quem elas quiserem ser. O grupo é composto por mulheres.	Nacional	França	<ul style="list-style-type: none">- Campanhas;- Eventos;- Grupos de ajuda;- Oficinas de capacitação;- Revista online;- Seminários;- Conferências;

NOME	SOBRE	REDES	ONDE ATUAMOS?	O QUE FAZEMOS?
18. Comité 15 Mars et libertés (C15M)	É um Comitê que surgiu em 2004 com o objetivo de combater o racismo e a islamofobia. O grupo é composto por homens e mulheres.	Nacional	França	- Grupos de ajuda; - Grupos de discussão; - Advocacy;
19. Mulheres da Mesquita	É um coletivo que surgiu em 2013 com objetivo de garantir que as mulheres orem no salão principal na Mesquita; ou em espaços adequados que não sejam sujos; ou com mal cheiro. O grupo é composto por mulheres.	Local	França	- Eventos; - Produção de recursos; - Falas em eventos; - Protestos;
20. Associação para Reconhecimento dos Direitos e das Liberdades das Mulheres Muçulmanas (ARDLFM)	Uma associação criada em 1994 com objetivo de combater a discriminação no trabalho e melhorar a educação das mulheres. O grupo é composto por mulheres.	Local	França	- Eventos; - Protestos; - Produção de recursos;
21. Mães são todas iguais (MTE)	O coletivo surgiu em 2004 e apoia as mães muçulmanas, vítimas de discriminação na escola, em violação da Lei de 1905 sobre secularismo.	Local	França	- Protestos; - Produção de recursos; - Eventos;
22. Mulheres vivendo sob leis muçulmanas (WLUML)	A organização surgiu em 1984 em resposta a casos - em países muçulmanos e comunidades - onde as mulheres foram negadas direitos por referência às leis que se dizem ser “Muçulmana. A rede é composta por mulheres.	Internacional	Europa	- Produção de recursos; - Advocacy; - Falas em eventos; - Pesquisa; - Campanhas; - “Stop Stoning and Killing Women”; - “Feminism in the Muslim World Leadership Institutes”; ⁹



NOME	SOBRE	REDES	ONDE ATUAMOS?	O QUE FAZEMOS?
23. Fórum Europeu de Mulheres Muçulmanas (EFOMW)	O fórum foi criado em 2006 com o objetivo de falar em nome das mulheres muçulmanas na Europa, seus problemas, suas aspirações e poder fornecer as realidades sociais das mulheres muçulmanas e defender suas causas. O grupo é composto por mulheres.	Internacional	Europa	<ul style="list-style-type: none"> - Eventos; - Oficinas e capacitação; - Advocacy; - Falas em eventos; - Produção de recursos; - Campanhas; - Seminário “Women in Leadership”;¹⁰
24. MUSLIMA	É uma exposição on-line que surgiu em 2003 com objetivo de apresentar uma coleção inovadora de pensamento, peças e obras de arte de mulheres muçulmanas contemporâneas que estão definindo suas próprias identidades e, no processo, quebrando estereótipos. A exposição só tem obras de mulheres.	Internacional	Europa	<ul style="list-style-type: none"> - Produção artística e criativa; - Fala em eventos; - Exposições físicas e online; - “Speak Up! Listen Up!”¹¹
25. Rede Europeia contra o Racismo (ENAR)	A rede surgiu em 1988 e luta contra o racismo, defendendo a igualdade racial e facilitando a cooperação entre os intervenientes da sociedade civil contra o racismo na Europa. O grupo é composto por homens e mulheres.	Internacional	Europa	<ul style="list-style-type: none"> - Advocacy; - Falas em eventos; - Produção de recursos; - Campanhas; - “Hidden Talents, Wasted Talents”; - “Forgotten women: The impact of Islamophobia on Muslim women”;¹²

3 FEMINISMO DENTRO DO ESPAÇO DE AÇÃO

Os grupos acima foram expostos com o intuito de apresentar um horizonte do surgimento dessas mobilizações, suas ações e seus proje-



tos. Também são importantes para situar as falas de mulheres islâmicas enquanto membras de organizações/coletivos/plataformas à medida em que pensam estar interpelando outras mulheres, como também instituições políticas, jurídicas, mídia, organizações parceiras ou adversárias. Por isso, não se pode avaliar esse discurso de forma isolada. É preciso saber para quem elas tão falando, como falam, com quem se articulam, a que(m) respondem e em que contexto estão inseridas. A própria distinção entre fala e ação é posta em questão, tendo em vista os efeitos materiais das falas, a representação/articulação das práticas na dimensão simbólica da linguagem, a inserção institucional dessas falas (definindo quem tem autoridade de dizer o quê, quando, onde, como e demarcando o que pode ser dito), conformando uma relação inseparável entre identidade, discurso e política. Isto posto, é importante deixar bastante claro que a Análise do Discurso, nessa pesquisa, diz respeito à metodologia utilizada durante todo o trabalho de se aproximar e analisar as peças audiovisuais, documentos textuais e imagens.

Buscou-se compreender o discurso para além das palavras. A língua como base para reconstituição da própria prática social que está delimitada por um contexto, direcionada a determinadas pessoas, e que está se contrapondo a um outro discurso. Quando Jacques Derrida (1976), Antonio Gramsci (1992) e Ernesto Laclau (1990) pensam o lugar da análise do discurso, o termo *discurso* adquire um significado muito mais complexo: ele é visto como um sistema de diferenças, no qual o sentido/a identidade dos elementos que o compõem é diferencial, relacional, não se define em si mesmo. Não tem identidade própria e o sentido se constitui na relação entre si, a partir de regras de funcionamento/produção do discurso. O discurso existe sempre para responder a algo/alguém; sempre se relaciona com outros, para os interpelar à adesão, para confrontá-los. Discursos não são só palavras, mas um campo de práticas, inscritos numa estrutura dada, em uma conjuntura dada.

Diante disso, passo agora para a análise das peças de audiovisual selecionadas. A primeira intitulada “Kübra Gümüşay – Islam and Feminism”, foi publicada na página oficial do Youtube e do Vimeo da organização Maslaha, em 2014. É uma peça gravada fora do estúdio, num espaço público que aparenta ser um *shopping center*. A montagem do vídeo é

muito fluída, simples, sem muitas edições, acompanhada de tremidas e de barulhos que podem dificultar alguma informação que está sendo comunicada, mas que não atrapalha o todo. Na filmagem de seus cinco minutos com enquadramento em Kübra Gümüşay, uma muçulmana jovem e casada (aliança que leva na mão direita), ela carrega um *hijab* rosé clássico, uma blusa preta fechada no pescoço e nos punhos e um colar. Ela se expressa numa entonação informal, tranquila e utiliza-se de muitas gesticulações para reforçar suas posições. A ênfase da câmara no seu corpo ressalta a importância da linguagem corporal que se manifesta através de expressões de segurança: corpo ereto, cabeça levantada, comunicação para além da boca.

Quando o feminismo não consegue ser inclusivo, ele termina afastando ‘certas mulheres’ ‘fora do padrão’. Eu me sentia excluída do feminismo *mainstream*/ocidental, que não inclui mulheres como eu, pelo fato desse feminismo dizer que eu não posso ser religiosa ou que eu deveria tirar meu *hijab*. O feminismo para mim é sobre tomar decisões conscientes, ao invés de lhe ditarem o que deve ser feito. Feminismo não significa que eu tenho que abrir mão do meu *background* cultural, nem minhas crenças religiosas. Não preciso modificar a maneira como me visto. Feminismo é sobre escolher conscientemente a maneira que você se veste. Feminismo para mim, também é defender não só os meus direitos, mas agir em defesa do direito de outras mulheres de se vestirem como quiserem (MASLAHA, 2014, s/n)¹⁶.

Quando ela pontua que o feminismo não consegue ser inclusivo, ela fala diretamente para o feminismo hegemônico, com o intuito de desconstruir todo o seu discurso pautado num único caminho para emancipação feminina. Percebe-se, durante as suas falas, a consciência do feminismo e da consideração dos vários *feminismos*, mas também enfatiza a falta de reconhecimento, no feminismo ocidental secular, da pluralidade do *ser mulher*. O culto à universalidade feminina, presente no feminismo branco, intelectual, burguês, é tratado como limitado, mas as demonstrações dos limites discursivos desse feminismo não são sinônimo de um posicionamento que coloca as feministas brancas do lado oposto ou nega as lutas ou os ganhos obtidos para todas as

¹⁶ Disponível em: cf. www.vimeo.com/88299224



mulheres. Trata-se de chamar a sua atenção dessa militância para as ações, especificidades e pensamento das mulheres islâmicas, e enxergá-las como possíveis aliadas na luta.

O recurso de produzir e compartilhar peças de audiovisual é bem recorrente dentro das organizações analisadas. As peças de audiovisual são extremamente ricas, pois são resultados de inúmeros componentes como imagem, som, texto, montagem, etc. É um recurso onde a conexão estabelecida através da linha de comunicação (transmissor e receptor) se expande muito, possibilitando uma interação maior entre os dois polos, afinal, ela pode mais facilmente sensibilizar, emocionar, etc. A montagem vai ser responsável por conduzir a informação de uma maneira que consiga transmitir o que deseja. Nesse outro vídeo, publicado também no Youtube e no Vimeo, em 2017, com o título “Lallab lança sua campanha de apoio”, o coletivo nos apresenta uma campanha informativa com uma montagem muito mais aprimorada, com muitos estímulos visuais e uma narração que desafia as narrativas sobre quem são as mulheres muçulmanas.

Nossas vozes são importantes. Sermos ouvidas é uma necessidade para nós. Hoje, falamos, porque já ficamos muito tempo caladas. Nos nos definimos em nossos próprios termos. E em nossos termos resgatamos as nossas narrativas e as nossas histórias. É importante escrever a sua própria história, reapropriá-la e desconstruir os mitos que estão ligados a elas. E compreender que a pluralidade quando é celebrada é também um meio de inspiração. Todas essas mulheres que lideraram e vão liderar revoluções são e serão fontes de inspiração. Na Lallab pensamos, construímos e produzimos recursos, espaços e ferramentas para que cada mulher muçulmana defina sua identidade e seu curso de vida. Nossas lutas são importantes. Ser mulher e ser muçulmana é ser o cruzamento de diferentes opressões: o sexismo, racismo e islamofobia. Lute como mulheres muçulmanas e com nossos aliados é lutar por todas as mulheres, pelas minorias e pelos marginalizados em nossa sociedade. Para que nenhuma mulher seja discriminada e abusada. Apesar das dificuldades encontradas em Lallab, continuamos determinados a seguir em frente! Porque a irmandade não é apenas uma ideia, nosso feminismo é inclusivo. Como mulheres, precisamos nos trocar, nos organizar, nos apoiarmos para que isso exista (LALLAB, 2017, s/n)¹⁷.

¹⁷ Disponível em: cf. encurtador.com.br/ulTo4



Mais uma vez, existe a defesa da auto definição e da inclusão, de poder contar suas próprias histórias e falar por elas mesmas. Percebe-se uma articulação discursiva direcionada para dois lados, tanto para as mulheres da comunidade muçulmana que não necessariamente são feministas, como para as feministas hegemônicas. Nota-se a importância destacada por elas em desconstruir os mitos, não só os que permeiam a sua comunidade muçulmana que subjuga a mulher, mas também das feministas hegemônicas e suas narrativas que deslegitimam a religião e se colocam em defesa de ações para *salvar* ou *resgatar* as muçulmanas. Os termos mobilizados, como *pluralidade* e *interseccionalidade*¹⁸, são importantes articulações que problematizam a categoria *mulher*, ao mesmo tempo que defendem a pluralidade das mulheres e das suas opressões. As muçulmanas enfrentam os mesmos obstáculos que qualquer outra mulher, mas, nesse contexto, enfrentam obstáculos adicionais relacionados à religião e etnia. Percebe-se um discurso feminista articulado a uma narrativa oficial dessa organização, mas não se pode deixar de lado os tensionamentos propositivos que são mobilizados retratando as disputas dentro do movimento, que se dão em parte pela falta de autonomia para que as muçulmanas realizem suas próprias escolhas e sejam protagonistas da sua transformação.

Para além do elemento textual que foi exposto acima, as informações que são passadas através das imagens são muito poderosas. A disputa de narrativas se intensifica quando nos conectamos com o visual, afinal, a imagem comunica além, mobilizando os afetos de uma forma muito explosiva. A peça é repleta de imagens inspiradoras de mulheres muçulmanas plurais: algumas carregam o véu, outras não; umas se expressam através de roupas coloridas, outras usam de roupas com cores mais sérias; a sua totalidade ocupa os espaços públicos das universidades, dos cafés, das bibliotecas; pulsam o corpo no protesto, as vozes nas marchas; consomem livros de bell hooks e Frida Kahlo; são mulheres que desenham, que falam em público, que dirigem conferências, que tocam e cantam, são imagens de mulheres que resistem coletivamente.

¹⁸ O conceito de interseccionalidade foi desenvolvido por Kimberlé Crenshaw (1989).



Os discursos políticos das muçulmanas são dinâmicos e frágeis, porque estão o tempo todo em contraposição com outros discursos produzidos em outros níveis da sociedade. Sendo esses encontros nem um pouco fixos, os gêneros discursivos utilizados para os enfrentar podem ser contraditórios entre si. De forma geral, existe o discurso articulado que defende a justiça de gênero, dentro da comunidade muçulmana, ao mesmo tempo combate o racismo/islamofobia (discriminações) da sociedade em geral e das feministas seculares/ocidentais em particular. No âmbito do feminismo secular, as muçulmanas buscam desconstruir os estereótipos que as aprisionam em determinadas caixas, como *oprimidas* e *terroristas*, subvertem essa narrativa, aliando-se ao pensamento descolonial e apresentando a heterogeneidade da comunidade e multiplicidade do ser mulher muçulmana.

Embora os discursos sobre o feminismo estejam sendo construídos e personificados através dos corpos das muçulmanas identificadas, tratam-se, nos casos apontados, de mulheres muçulmanas delimitadas pelos seus grupos e organizações. Neste sentido, as falas interpelam a coletividade. Dentro desses espaços, existe um discurso estratégico, por parte das ativistas muçulmanas, que se afastam do rótulo feminista *mainstream*, pois, percebe-se a extensão na qual o conceito permanece se associando à um feminismo branco, ocidental, que continua conectando a *religião* com valores *opressivos* e somente o *secular* com o *libertador*. Assim, de modo geral, percebe-se um tensionamento positivo dentro do movimento ao redor da identidade feminista que pode proporcionar avanços, diálogos e parcerias.

CONSIDERAÇÕES

O movimento de mulheres multiplicou-se no século XX. As mulheres com as mais diferentes pautas estabeleceram suas organizações para fazer suas vozes e demandas ouvidas. Tanto no ocidente quanto no oriente, as mulheres continuam desafiando as situações opressivas às quais são enquadradas. No que concerne às muçulmanas, na França e na Inglaterra, não é diferente. Nos centros urbanos, perto das capitais, nos mais diversos espaços e plataformas, se diversificou a coletividade de mulheres muçulmanas que levantam suas bandeiras contra o extre-



mismo, a islamofobia e a violência de gênero. Elas também seguem desafiando antigos padrões culturais, os quais não permitem que as mulheres participem ativamente das mesquitas ou orem nos salões principais e, igualmente, não aceitam os discursos da heteronormatividade sexual.

Os discursos das mulheres muçulmanas não são vozes singulares dentro desses espaços. Na verdade, elas são representativas da construção discursiva dessa identidade feminista muçulmana e do seu tensionamento com o feminismo secular. Na construção deste discurso, a demonstração dos limites desse feminismo hegemônico não é sinônimo de colocar as feministas brancas do lado oposto, ou negar as lutas e ganhos que obtiveram em nome de todas as mulheres, mas trata-se de convidá-las para possíveis parceiras. Os embates com o feminismo ocidental acontecem, mostrando para ocidentais que elas podem estar reproduzindo formas de racismo, discriminação e imperialismo quando não abrem espaço para o diálogo e quando não aceitam que as lutas das mulheres são plurais. Mais do que a busca de reconhecimento, se constrói o discurso da união, de alinhamento e se apregoa que é possível um projeto feminista plural. Deste modo, observa-se o poder da palavra das mulheres muçulmanas por meio da linguagem como uma forma de ação social dentro dessas arenas de confrontos. O sujeito *muçulmanas* só existe neste combate, como parte desse exterior constitutivo. Sem ele, não existe discurso político da mulher muçulmana. Se ele elimina o exterior, ele também deixa de existir.

REFERÊNCIAS

- AHMED, Leila. **Women and Gender in Islam**. Londres: Yale University Press, 1992.
- AL-HIBRI, Azizah. **The practice and purpose of Islamic feminism**. The Official Student Newspaper, v. 96, n. 25, p. 1-5, abr., 2002.
- BANCHOFF, Thomas. **Religious Pluralism, Globalization, and World Politics**. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- COLLECTIF CONTRE L'ISLAMOPHOBIE EN FRANCE (CCIF). Disponível em: < <https://www.islamophobie.net/> >. Acesso em: 14 abr. 2019.
- COLLECTIF FÉMINISTE POUR L'ÉGALITÉ (CFPE). Disponível em: < <http://www.cfpe2004.fr/> >. Acesso em: 20 abr. 2018.
- COMMISSION LAÏCITÉ ET ISLAM. Disponível em: < <https://www.islamlaicite.org/> >. Acesso em: 14 abr. 2018.



- COMITÉ 15 MARS & LIBERTÉS. Disponível em: < https://www.aslim-taslam.net/article.php?id_article=626 >. Acesso em: 20 abr. 2019.
- CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics**. University of Chicago Legal Forum, v. 1, n. 8, dez., 1989.
- DAUGHTERS OF EVE (DOE). Disponível em: < <http://www.dofeve.org/> >. Acesso em: 20 abr. 2019.
- DERRIDA, Jaques. **Of Grammatology**. Baltimore: John Hopkins University Press, 1976.
- EUROPEAN FORUM OF MUSLIM WOMEN (EFOMW). Disponível em: < <http://www.efomw.eu/> >. Acesso em: 14 abr. 2019.
- EUROPEAN NETWORK AGAINST RACISM (ENAR). Disponível em: < <http://www.enar-eu.org/> >. Acesso em: 14 abr. 2019.
- FEMES DANS LA MOSQUE. Disponível em: < www.youtube.com/watch?v=bDxZf-Ea64Y >. Acesso em: 20 abr. 2019.
- FOUDATION FOR WOMEN'S HEALTH RESEARCH AND DEVELOPMENT (FORWARD). Disponível em: < <http://forwarduk.org.uk/> >. Acesso em: 12 abr. 2019.
- FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). **Annual Report**, 2013.
- GILL, Rosalind. Análise do discurso. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2008, pp. 244- 270.
- GRAMSCI, Antonio. **Lettere (1908-1926)**. Turim: Einaudi, 1992.
- HOMOSEXUELS MUSULMANS 2 FRANCE (HM2F). Disponível em: < <http://www.homosexuels-musulmans.org/> >. Acesso em: 20 abr. 2019.
- INCLUSIVE MOSQUE INICIATIVE (IMI). Disponível em: < <http://inclusivemosqueinitiative.org/> >. Acesso em: 20 abr. 2019.
- INSPIRE. Disponível em: < <https://wewillinspire.com/> >. Acesso em: 14 abr. 2019.
- JOLY, Danièle; WADIA, Khursheed. **Muslim Women and Power, Gender and Politics Engagement in West European Societies**. Basingstoke: Palgrave MacMillan, 2017.
- KABBANI, Rana. **Letter to Christendom**. London: Virago, 1992.
- KAPLAN, Temma. **Crazy for Democracy**. Nova York: Routledge, 1997.
- KARIAPPER, Ayesha Salma. **Walking a Tightrope: Women and Veiling in the United Kingdom**. Women Living Under Muslim Laws (WLURL), 2009.
- LIGUE FRANÇAISE DES FEMMES MUSULMANES (LFFM). Disponível em: < <https://www.facebook.com/Lffm.fr/> >. Acesso em: 12 abr. 2019.
- LACLAU, Ernesto. **New Reflections on th Revolution of Our Time**. Londres: Verso, 1990.
- LALLAB. Disponível em: < www.lallab.fr >. Acesso em: 20 abr. 2019.



MAMANS TOUTES ÉGALES. Disponível em: < <https://sites.google.com/site/mamanstoutestesegelestest/> >. Acesso em: 20 abr. 2018.

MASLAHA. Disponível em: < <http://maslaha.org/> >. Acesso em: 20 abr. 2019.

MOGHADAM, Valentine. **Transnational Feminist Networks: Collective Action in an Era of Globalization**. *International Sociology*, v. 15, n.1, mar., 2000, p. 57–85.

MUELLER, Carol McClurg; FERREE, Myra Marx. Feminism and the Women’s Movement: A Global Perspective. In: SOULE, Sarah A.; SNOW, David A.; KRIESI, Hanspeter (Eds.). **The Blackwell Companion to Social Movements**. Oxford: The Blackwell Companion to Social Movements, 2004, pp. 1-22.

MUSLIMA. Disponível em: < <http://muslima.globalfundforwomen.org/> >. Acesso em: 14 abr. 2019.

MUSLIM WOMEN’S COUNCIL (MWC). Disponível em: < <http://www.muslimwomenscouncil.org.uk/> >. Acesso em: 20 abr. 2019.

MUSLIM WOMEN’S NETWORK (MWNUK). Disponível em: < <http://www.mwnuk.co.uk/> >. Acesso em: 20 abr. 2019.

MUSLIM WOMEN’S SPORT FOUNDATION (MWSF). Disponível em: < <http://www.mwsf.org.uk/> >. Acesso em: 20 abr. 2019.

SAFRA PROJECT (SP). Disponível em: < <http://www.webarchive.org.uk/ukwa/target/136501/source/alpha> >. Acesso em: 20 abr. 2019.

TELL MAMA. Disponível em: < <https://tellmamauk.org/> >. Acesso em: 20 abr. 2018.

WOMEN LIVING UNDER MUSLIM LAWS (WLUML). Disponível em: < <http://www.wluml.org/> >. Acesso em: 14 abr. 2019.

NOTAS DA TABELA

- 1 “Forced Marriage Awareness Campaign” (Campanha de Sensibilização sobre o Casamento Forçado) são eventos realizados para divulgar informações sobre casamentos forçados (ou arranjados), especialmente porque a prática é contra a lei (cf. www.mwnuk.co.uk/campaigns.php); “Helpline” é uma linha direta nacional dedicada às mulheres muçulmanas e meninas de todas as idades, para fornecer orientação, apoio e sinalizar sobre uma série de questões que envolvem ser mulher muçulmana (cf. www.mwnuk.co.uk/Helpline_181_c.php).
- 2 “Women’s Islamic Games” é um evento multidesportivo internacional organizado pela Islamic Federation of Women Sport (IFWS) (cf. www.mwsf.org.uk/history1.html).
- 3 “I Can Be She” (Eu Posso Ser Ela) é uma página da web que explora o papel que as mulheres desempenharam através da história em paralelo com as realizações de poderosas roles models muçulmanas (cf. www.icanbeshe.org); “Islam and feminism” (“Islã e Feminismo”) é uma plataforma online que explora a relação entre o Islã e o feminismo, ambos sob a perspectiva histórica e através das diversas vidas das mulheres muçulmanas (cf. www.islamandfeminism.org).
- 4 “Daughters of Eve” (“Filhas de Eva”) é uma conferência nacional de dois dias que reúne mulheres muçulmanas de todas as localidades para discutir temas que envolvem ser mulher muçulmana (cf. www.muslimwomenscouncil.org.uk/daughters-of-eve); “Women Led Mosque”



- (“Mulheres Liderando a Mesquita”) é um projeto que visa criar um lugar de adoração liderado e gerido por mulheres (cf. www.womenledmosque.co.uk/).
- 5 A plataforma on-line foi um grupo de discussão do Yahoo onde as mulheres conversam sobre os diversos temas que as incomodam (cf. <https://www.webarchive.org.uk/wayback/archive/20090622011412/http://www.safraproject.org/joinelist.htm>); “Sexuality, Gender and Islam” (“Sexualidade, Gênero e Islã”) são novas páginas da web com o intuito de desafiar o viés de gênero, a homofobia e a transfobia que pessoas LGBT muçulmana, especialmente mulheres, vivenciam (cf. www.webarchive.org.uk/wayback/archive/20090622011344/http://www.safra-project.org/sgi-intro.htm).
 - 6 “Inclusive Jummah Prayers” (“Orações de sexta-feira Inclusiva”) são orações congregacionais realizadas semanalmente e podem ser lideradas tanto por homens como por mulheres. Amina Wadud foi uma das convidadas para liderar a oração de julho de 2015, num evento aberto a pessoas de todas as confissões, mulheres, homens, crianças, mulheres veladas ou não (cf. inclusivemosqueinitiative.org/events/jummah-prayers-friday-7th-july).
 - 7 “Girls Not Brides UK” (“Garotas não Noivas no Reino Unido”) é uma rede em parceria com Plan UK que faz recomendações para o governo britânico com objetivo de acabar com casamento infantil no mundo em 2030 (cf. www.girlsnotbrides.org).
 - 8 “#MakingAStand” (“#TomandoUmaPosição”) foi uma campanha lançada em 2014, com o objetivo de diminuir os danos causados por extremistas que manipulam as mentes dos jovens das comunidades muçulmanas. Dessa forma, as muçulmanas das comunidades se juntaram para “tomar uma posição” contra o extremismo (cf. wewillinspire.com/making-a-stand).
 - 9 “Stop Stoning and Killing Women” (“Parem de Apedrejar e Matar Mulheres”) é uma campanha global para acabar com o apedrejamento de mulheres e também para acabar com a persistente utilização equivocada da religião para justificar o assassinato de mulheres (cf. www.cie.ugent.be/CIE2/stop_stoning.htm).Asa Igualdadelheress mantê-lo. “ivo entre os dois conexto e cidadaniaque esta Igualdadelheress mantê-lo. “ivo entre os dois conexto e cidadaniaque est
 - 10 “Women in Leadership” (“Mulheres na Liderança”) foi um seminário para treinamento de lideranças realizado em Istambul, na Turquia, em 2009. Reuniu mulheres muçulmanas representando 12 países europeus (cf. www.efomw.eu/tekstovi3.aspx?tid=19).
 - 11 “Speak Up! Listen Up!” (“Fale mais Alto! Preste Atenção!”) é uma campanha para apoiar as vozes das mulheres muçulmanas que estão liderando o movimento para mudança e desafiando os enganosos estereótipos que promovem a discriminação e a injustiça (cf. www.muslima.globalfundforwomen.org/campaign).
 - 12 Os dois são projetos que foram publicados pela organização no formato de relatório: “Forgotten women: the impact of Islamophobia on Muslim women” (“As mulheres esquecidas: o impacto da islamofobia em mulheres muçulmanas”) que visou documentar o impacto desproporcional da islamofobia em mulheres (cf. www.enar-eu.org/Forgotten-Women-the-impact-of-Islamophobia-on-Muslim-women).

Submetido em: 25-05-2020

Aceito em: 21-10-2020